Marcelo Junqueira
Secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

A PRESENÇA DO AGRO NO MERCADO INTERNACIONAL

Por Paulo Roque

Antes de exercer as funções atuais, Marcelo Junqueira trabalhou na Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no cargo de superintendente, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro; em seguida, assumiu o cargo de diretor do Departamento de Promoção Internacional do Agronegócio (DPI) do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Segundo ele, em 2014, o agronegócio deverá exportar US$ 100 bilhões, praticamente o mesmo valor registrado no ano passado, mas, para os próximos anos, deverá continuar aumentando sua participação no mercado externo e no saldo comercial. A demanda mundial por alimentos continua crescente, com o Brasil devendo ocupar mais espaço. Para isso, o Ministério conta com uma intensa agenda de negociações e de promoção comercial, para ampliar a presença dos produtos brasileiros no mercado internacional.

AGROANLYSIS **As exportações do agronegócio prometem boas cifras em 2014?**

MARCELO JUNQUEIRA Nos primeiros sete meses deste ano, as exportações, em valor, estão praticamente iguais às do ano passado – US$ 58,7 bilhões *vis-à-vis* a US$ 58,9 bilhões. Muitos produtos importantes registram maiores volumes de exportação neste ano – complexo soja (grão, farelo e óleo), carnes de frango e bovina, celulose e café. Isso compensa os preços, em geral, mais baixos no mercado internacional. O desempenho exportador do agronegócio deve ser muito semelhante ao do ano passado, com exportações em torno de US$ 100 bilhões. O mesmo vale para o saldo comercial, que deve praticamente repetir o valor de 2013.

Como os demais setores da economia não conseguem repetir o desempenho de anos anteriores, a participação do agronegócio nas exportações e no saldo comercial segue aumentando. Nos primeiros sete meses do ano, as exportações do setor atingiram 44% do total das exportações. Só os produtos do complexo soja foram responsáveis por 18,1% das exportações totais brasileiras no período, devendo, durante o ano, superar as vendas de minério de ferro.

AGROANALYSIS **Com quais países estamos com boas perspectivas de parcerias?**

MJ A China vem ampliando a sua participação. De janeiro a julho, absorveu 28,4% do total exportado, com um crescimento de 7,1% em relação ao ano passado. Dentre os grandes parceiros, os de maior crescimento foram a Venezuela (com um incremento de 47,8% em comparação a 2013) e a Rússia (com um acréscimo de 24,9%). Para a Venezuela, o destaque ficou para o aumento das exportações das carnes bovina e de aves, bovinos vivos e arroz; e, para a Rússia, carnes, especialmente suína e de aves.

As exportações de carnes devem aumentar,



> “ALGUNS FATORES CONDICIONAM O CRESCIMENTO DO COMÉRCIO À COMPETITIVIDADE COMERCIAL DA CARNE BRASILEIRA EM RELAÇÃO ÀQUELA DOS DEMAIS EXPORTADORES PARA OS EUA.”

dado que a Rússia habilitou, recentemente, mais de noventa unidades para exportação de carnes, enquanto a China suspendeu o embargo às exportações brasileiras de carne bovina em função do caso de EEB ("vaca louca") atípico notificado em 2012. Estamos negociando com o México, que, até o ano passado, não importava as carnes nacionais. Em 2013, o país iniciou as importações de frango do Brasil, que tomaram impulso significativo neste ano, e estamos negociando as condições para as exportações de carne suína de Santa Catarina.

Quanto à carne suína, não posso deixar de registrar a abertura, ainda em 2013, do mercado japonês, o maior importador mundial. Estamos realizando ações de promoção comercial para alavancar os negócios no mercado japonês, ainda em ritmo inferior ao desejado, embora crescente. As negociações com a Coreia, outro grande importador, seguem de forma devagar.

A abertura do mercado dos EUA para a carne *in natura* é uma possibilidade interessante de ampliação das exportações de carne bovina. Até o momento, nesse mercado, só temos acesso à carne termoprocessada. Segundo estimativas do governo dos EUA, exportaremos, em um primeiro momento, algo em torno de 40.000 toneladas. Alguns fatores condicionam o crescimento do comércio à competitividade comercial da carne brasileira em relação àquela dos demais exportadores para os EUA. Teremos de competir por uma quota de aproximadamente 65.000 toneladas destinada a terceiros países – acima deste volume, há tarifa extraquota de 26,4%.

Aguardamos a conclusão do processo até o final deste ano. As etapas mais difíceis e importantes, relacionadas à avaliação técnica da inocuidade de nossa carne, já foram concluídas. Uma proposta de regulamento sobre a liberação das importações de carne do Brasil já foi publicada e teve seu período de comentários públicos encerrado em abril deste ano. No momento, aguardamos apenas o governo dos EUA responder aos comentários recebidos no processo de consulta pública para poder publicar a versão final da norma que autorizará importações do nosso produto.

Agroanalysis Estamos com problemas na área sanitária?

MJ Para os grãos, de maneira geral, como são matéria-prima para a produção de carnes, os países não impõem grandes restrições; há interesse em promoverem a agregação de valor aos grãos em seu território, na forma de produção de carnes. Para os produtos de origem animal, mesmo processados, há necessidade de negociar protocolos e certificados específicos para amparar as exportações. Nesse contexto, as questões sanitárias representam o maior entrave para a ampliação das exportações ou, pelo menos, servem de pretexto para restringi-las. O mesmo vale para as frutas.

O Brasil ainda não acessa o mercado dos principais importadores mundiais de carne bovina devido à febre aftosa. Para a carne suína, com a exceção de Santa Catarina, com o *status* de "zona livre de febre aftosa sem vacinação", as exportações também são restritas para os mercados mais importantes por causa desta enfermidade. Para as frutas, enfrentamos a exigência de controles específicos e o estabelecimento de áreas livres para a mosca-das-frutas. Quanto aos alimentos processados em geral, as questões sanitárias e fitossanitárias perdem importância como entraves ao comércio.

Há uma série de outras barreiras técnicas. Uma das principais pautas com a China, atualmente, por exemplo, é a questão da sua aprovação de novos Organismos Geneticamente Modificados (OGMs). Para o Brasil avançar na adoção de tecnologias de ponta, os nossos parceiros comerciais precisam ter um processo de reconhecimento e sincronia dos novos eventos de OGMs com o sistema brasileiro. Dessa forma, ao se introduzir um novo evento no sistema produtivo aqui, já haveria garantia da possibilidade de exportação. A matéria assume especial importância com a China e a União Europeia, principais importadores, muitas vezes com ritmo mais lento na aprovação de novos OGMs. Com o objetivo de fortalecer o intercâmbio de informações nas áreas de Biotecnologia agrícola e Biossegurança, discutindo-se assuntos regulatórios para melhorar os procedimentos relativos à aprovação de OGMs envolvidos no comércio internacional, foi criado um grupo técnico envolvendo os Ministérios da Agricultura do Brasil e da China.

Outro desafio diz respeito às restrições (principalmente da União Europeia, da China e da Rússia) ao uso de promotores de crescimento e beta-agonistas, apesar de a Comissão do Codex Alimentarius já ter definido os limites de resíduos permitidos para essas substâncias. Trata-se de barreira importante para as exportações de carne suína brasileira; temos, porém, capacidade de segregar a produção, atendendo os requisitos do importador.

> "...AS QUESTÕES SANITÁRIAS REPRESENTAM O MAIOR ENTRAVE PARA A AMPLIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES OU, PELO MENOS, SERVEM DE PRETEXTO PARA RESTRINGI-LAS."

Agroanalysis O boicote da Rússia aos Estados Unidos e países da Europa abre espaço para o Brasil?

MJ Como as exportações de carnes suína e de aves dos EUA e da UE para a Rússia eram significativas antes desse embargo, poderemos aumentar as vendas destes produtos. Ao Governo, cabe basicamente a tarefa de abertura e ampliação de mercados, pois o fechamento dos negócios é realizado entre empresas dos dois países. Havendo mercado, estamos certos da capacidade da oferta brasileira para atendê-lo. Nas operações de compra e venda, envolvem-se questões de logística, de contratos de curto, médio e longo prazo, de compromissos já assumidos com terceiros etc. Todas estas questões definirão o nosso espaço a ser ocupado nesse mercado crescente.

Agroanalysis O Acordo de Bali fortalecerá o papel da Organização Mundial do Comércio (OMC) no comércio internacional?

MJ A OMC tem desempenhado papel importante na regulamentação do comércio internacional. Dos três pilares sobre os quais ela se ergue, podemos concordar com o bom funcionamento do monitoramento da implementação dos acordos existentes e o mecanismo de solução de controvérsias. Não obstante, ambos podem ser aperfeiçoados. O pilar referente à negociação de novos acordos, por sua vez, vinha sendo pouco efetivo desde a criação da OMC, em janeiro de 1995.

Em Bali, aprovaram-se os primeiros acordos negociados na OMC. O acordo de facilitação de comércio traz ganhos para a agricultura brasileira, ao possibilitar o acesso a mercados por meio de simplificação de procedimentos aduaneiros. Ademais, foram aprovadas regras para o preenchimento automático de quotas tarifárias, bastante comuns no comércio agrícola. Espera-se dos seus membros uma superação dos impasses existentes acerca da implementação das decisões em Bali. Embora relativamente modestos diante do escopo da OMC, tais acordos conduziram à retomada do pilar negociador da organização, abrindo perspectivas de que novas normas serão acordadas no futuro próximo. Nas discussões sobre a agenda pós-Bali, o Brasil está atuando em prol da continuidade da reforma agrícola, de modo a se reduzirem as barreiras ao comércio internacional no setor.

Agroanalysis É possível o Brasil conciliar acordos bilaterais e multilaterais?

MJ Sim, como qualquer outro membro da OMC. *Vide* os exemplos de México e Chile, com negociações diversas em acordos de livre comércio (ALCs). As regras desta organização preveem as condições para os ALCs ficarem em harmonia com as normas multilaterais. Adicionalmente, o Brasil, como membro do Mercosul, deve observar a regra, estabelecida por meio da Decisão nº 32/2000, segundo a qual um ALC deve ser firmado conjuntamente pelos membros do bloco. Como isso torna mais complexas as negociações, setores internacionalmente competitivos, como a agricultura brasileira, podem não aproveitar oportunidades de ampliar exportações.

Agroanalysis E o Mercosul continua sem desatar os nós para novos negócios?

MJ Os Estados-membros do Mercosul apresentam problemas estruturais e lutam para superá-los. Como há assimetrias entre eles, algumas podem ser difíceis de contornar. No comércio intrabloco, há diversos interesses setoriais para serem compatibilizados, com requisições de constantes negociações. No comércio extrabloco, conforme comentado, há algumas limitações para se firmarem ALCs com terceiros mercados.

Agroanalysis A velocidade brasileira acompanha as mudanças comerciais em níveis globais?

MJ De certa forma, sim. Nos últimos anos, houve aumento da participação brasileira no comércio internacional (era de 1,2%, em 2002, e subiu para 1,6%, em 2012). Isso se deveu, em boa medida, ao desempenho das exportações agrícolas, com crescimento de 4,6% para 7,6%, no mesmo período. Como são extremamente competitivos, alguns segmentos do agronegócio brasileiro nos garantem presença em mercados diversificados. Avançar nas negociações de acordos voltados à ampliação e à diversificação do nosso comércio exterior agrícola é especialmente importante num contexto com muitos parceiros envolvidos em negociações de ALCs. Nestas negociações, trata-se não apenas de acesso preferencial, mas também de se discutirem novas regras e padrões de produção que, no futuro, possam influenciar terceiros países. O centro do comércio desloca-se para o Pacífico, com a imposição de novos desafios logísticos para acessarmos de forma competitiva os mercados mais dinâmicos. Trata-se também de integração física com os nossos vizinhos sul-americanos para garantir acesso direto ao Pacífico.

Agroanalysis Existe um plano de inserção forte do agronegócio brasileiro no mercado mundial nos próximos anos?

MJ Consciente da importância da exportação para a expansão da produção agrícola, o MAPA trabalha fortemente focado em mercados externos. Mas, a participação brasileira não depende só disso. Os recentes avanços nas concessões de rodovias e portos, embora ainda não suficientes, devem melhorar as condições de logística. Em face do volume crescente das exportações brasileiras, o seu sistema logístico passou a ser insuficiente. Dentro dessa premissa, o Governo e a iniciativa privada devem buscar, junto a países detentores de tecnologia, parcerias no sentido de melhorar as infraestruturas por meio de maciços investimentos. Em recente visita ao Brasil do presidente da China, Xi Jinping, firmaram-se protocolos de entendimento focados em investimentos em infraestrutura de transporte, com viés voltado para o escoamento pela calha norte de produtos agrícolas. Com o mesmo objetivo, estão em curso negociações com o governo japonês. ■